



PREGUIÇA
!

Simulacros
SERGIO SAINT'ANNA

LUVA
SÉRGIO BUARQUE
DEIAS
MEUS
EXOTOS

GRANDES NOMES
DO ENCAMENTHO
BRASILEIRO

Sergio Buarque
de Holanda

Visão do
Paraíso

HOPPER
The Complete

Alice

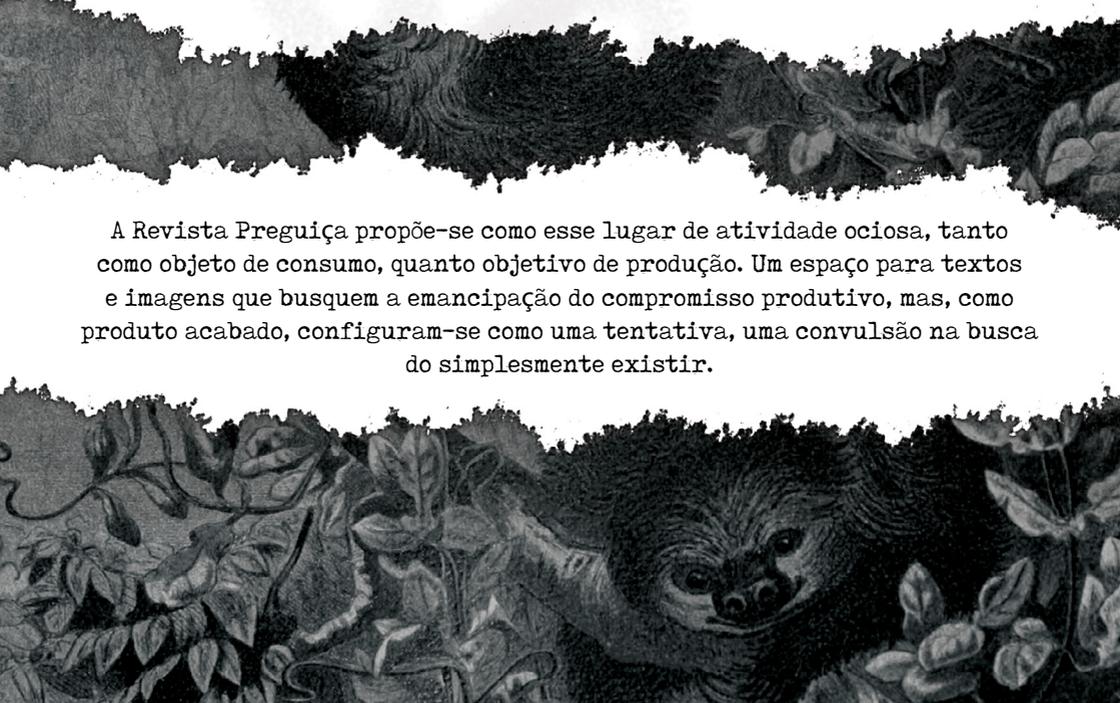
Levís Carroll



Alguns dizem que estamos em um momento de produção de ideias e que, apesar da permanência de alguns velhos ritos de separação entre a vida e o trabalho - os portões, as portarias, os relógios de ponto com os seus cartões, os vigias e os horários de entrada e de saída estipulados por contrato -, a vida penetrou na empresa e o trabalho difundiu-se pela vida afora. Todo aquele que trabalha com ideias carrega consigo os problemas relacionados ao próprio trabalho vinte e quatro horas por dia. Não mais se trata de expansão do horário de trabalho, mas sim de uma fusão entre o trabalho e a vida.



Nesse cenário, onde situar o ócio? Considerado menos útil, menos importante, menos ético do que o trabalho, como lidar com a improdutividade que o caracteriza? Na situação onde trabalho e vida se confundem, qual o lugar de fruição estrita da vida? A preguiça parece-nos emergir da tentativa de lidar com essa questão, da incapacidade resultante dos esforços educacionais focados em sua maior parte no trabalho. A preguiça, para nós, não é uma oposição direta ao trabalho, mas uma rebeldia contra a penetração deste no que deveria pertencer ao âmbito do repouso.



A Revista Preguiça propõe-se como esse lugar de atividade ociosa, tanto como objeto de consumo, quanto objetivo de produção. Um espaço para textos e imagens que busquem a emancipação do compromisso produtivo, mas, como produto acabado, configuram-se como uma tentativa, uma convulsão na busca do simplesmente existir.

MEU TROCO É POUCO

Por Gabriel D. Lourenço

Quando finalmente terminei, apenas o som do vinil na vitrola preenchia a sala. A maldita agulha, que nunca funcionava em meus discos, rodou perfeita no LP.

Era de um tal Tom Waits. *Small Change*. “Meu troco é pouco”, algo assim.

Não era meu. Não gostava de admitir, mas também não era ruim.

Tomei um copo com pouco uísque e muitas marcas de batom da sala. Na sacada, ouvia o grave rouco do cantor. Fiz o possível para entender a letra em inglês. Dizia:

O piano andou bebendo. Minha gravata está dormindo. E o combo voltou para Nova Iorque. O jukebox precisa tirar uma água do joelho, o carpete precisa aparar o cabelo, e as luminárias parecem as de uma fuga na prisão. Pois o telefone está sem cigarros e o balcão está querendo alguém para transar. E o piano andou bebendo.

O piano andou bebendo. Aquilo fazia muito mais sentido ao ver o fundo do copo.

Veja só, o cartão-ponto se empolgou com a saída do chefe. O volante xingou o ciclista que tomava o vácuo na estrada. O semáforo assoviou, fiu-fiu, para a loura na faixa de pedestres. O carro brigou com o imbecil do vizinho que ocupava a vaga errada na garagem do condomínio. O elevador bufou que o dia estava um inferno. O espelho dele refletiu que a velha do quarto andar bem que poderia não querer visitar o chato do 805 e falar do clima no meio do caminho.

O corredor do sétimo piso suspirou aliviado. Mas a fechadura do 702 estranhou estar aberta.

A cozinha não gostou da companhia daquele par de mocassins. A mesa na sala não lembrava de qualquer ocasião especial a ser comemorada com uísque. A vitrola rodava com curiosidade aquele disco fora do acervo. *Small Change*. “O troco é pouco”, algo assim. O sofá estava surpreso com um vestido em seus braços. A porta do quarto ouvia ruídos de dentro de si, enquanto o sutiã se dependurava no trinco que abria.

A cama sustentava movimentos constrangedores.

Espantado, o lençol implorou, aos gritos, que poderia explicar. O abajur se meteu na frente, pedindo calma. A pistola saiu do armário e disse que haveria sangue por ali. O rádio-relógio tentou impedir algo pior. A parede fez dele em pedaços e disse nunca ter visto pontaria tão ruim. A janela, por sua vez, discordava ao se estilhaçar, levando um corpo ao chão.

Um travesseiro correu até a sala, pedindo socorro. O porta-chapéu tropeçou no meio do caminho, aos prantos. A aliança no anelar esquerdo implorava por sua vida. O chão, espumando de ódio, bateu a cabeça dela em si mesmo até a morte.

Na gaveta, o maço de cigarros precisava se acalmar. Na sacada, o isqueiro acendeu a sensação do *eu-bem-que-desconfiava*. A fumaça ia aos céus da noite se perguntando o que fazer quando a polícia chegasse. A capa do LP, assistindo tudo de fora, tinha um Tom Waits que concordava com seu leteiro.

Small Change. O troco foi pouco, ou algo assim.

NO INFINITO, A LUZ FALTA

Por Matheus Vieira

No breu infinito, o mesmo que as arrogantes estrelas fingem desconhecer, nasceu Alberto, um menino opaco, desprovido de traços, amorfo. Ele não sabe como, nem onde, muito menos porquê nasceu. Só sabe que foi assim, nascido. Sua primeira memória é indistinguível da conseguinte: uma série de fotos subexpostas em período noturno — escuridão pura.

A primeira vez que viu luz foi no mesmo dia em que ouviu um diluído ruído vindo do infinito. Era um ponto tímido, tremeluzente como quem dança a dois pela primeira vez. Alberto corria contra o nada, sem conseguir alcançar aquilo que imaginou ser sua primeira companhia. Flertou, sem saber que a luz tão rápida poderia surgir quanto sumir, tanto que assim o fez, abandonando-o sem tempo para ouvir as mágoas.

Sempre que sentia fome, Alberto tropeçava em algum prato. Após certo tempo recebendo comida dos céus, concluiu que ele só poderia ser uma divindade. Afinal, mesmo sendo o único ser vivo no tão vasto universo negro, tinha os desejos realizados. Usufruiu da epifania para pedir uma companhia. Imaginava-se de mãos dadas com um ser também opaco, desprovido de traços, amorfo, cuja única diferença se encontraria no comprimento dos fios da cabeça que seriam maiores.

Não sabia porque o queria assim.

O desejo se tornou uma meia realidade. No lugar da criaturinha levemente diferente, surgiu uma cobra perspicaz e repleta de truques, como mudar seu tamanho e engrossar a textura da pele já naturalmente áspera. Alberto queria muito segurar em uma mão igual à sua. Largaria seus poderes divinos

em troca de alguém com quem dividir o vazio. A chegada da cobra o deixou meio feliz.

Desenvolveram uma relação de sabedoria e confidências. Certa vez, a Cobra contou que, muito além da escuridão, existiam estrelas — luzes espaciais que percorriam o nada com a função de trazer esperança às poucas almas dispersas que ainda se davam o trabalho de existir. Alberto disse que não gostava de estrelas, pois um dia foi abandonado por uma. A Cobra explicou que elas eram incapazes de se prender a um ser só. Carregam nas costas o peso do vazio, disse.

O menino foi dormir pensativo. Seria possível outros seres como ele? Haveria nessa imensidão outras estrelas?

A Cobra sempre adormecia soluçando. Cansado de ouvir as lamentações, o garoto questionou do que se tratava. A serpente revelou que assim como ele, já desejou como companhia um semelhante, sendo censurada por uma punição divina. Fadada a vasculhar o infinito sozinha, enclausurou-se em um pedaço do nada e sofreu a perda de algo que nunca tivera.

Alberto se amoleceu pelo relato da confidente, sentiu pela primeira vez o que a Cobra chamou de empatia.

Choraram juntos, dormiram juntos, a serpente enrolada nas pernas do menino.

Criou-se assim uma rotina de confiança, dormiam juntos, enrolados um no outro, protegendo-se da mão invisível que censurava o próximo. A cada soneca, a Cobra subia uns milímetros no corpo do garoto, reforçando a proteção. Alberto sentia que a amiga nunca o deixaria cair no breu abismal, aprendendo assim um novo conceito: lealdade.

Ele descobriu, porém, que certas ideias são tão frágeis quanto o poder real das palavras bonitas. Certa vez, acordou e notou que a serpente havia sumido, deixando-o sensível e pânico como quem, sem sucesso, tenta impedir que a jarra se multiplique em estilhaços de vidro. Soluçou até ouvir um som agudo provindo de uma região que calculou ser onde as estrelas dormem.

Concentrando-se bem, podia ouvir ruídos incógnitos. Não saberia dizer por quanto tempo prestou atenção neles — não conhecia o tempo. Entrou em transe e viu diante de seus olhos, todas suas memórias escuras, triste por não poder iluminá-las. Onde estariam as estrelas, perguntava-se.

Um estrondo abalou suas reflexões e ensinou-lhe o verdadeiro sentido de “medo”. Sentiu a espinha gelar e o estômago embrulhar em um disfuncional papel alumínio rasgado. Abraçou as pernas com o braço esquerdo e segurou a coluna vertebral com o direito, queria interceptar os arrepios que tomavam sua espinha.

Pensou que talvez os estrondos fossem os deuses punindo seu mais profundo desejo de ter um companheiro de aparência similar. Talvez a Cobra tenha sido capturada, talvez morta, talvez... preferiu não pensar muito sobre o assunto. Desceu a mão aos pés, discernindo os dedos pela primeira vez.

De repente, nada mais o assustava.

A serpente voltou com o coração em maratona. Alberto não perguntou do que se tratava, abraçou a amiga e confortou-a prometendo que ficaria tudo bem. O abraço perdurou por cento e vinte soluços e duas cafungadas, finalizando-se com a chegada do sono.

Serpentes não entendem o mundo dos meninos. A Cobra mordeu Alberto enquanto ele dormia, perturbando-o pelo resto da vida que, a partir dali se construiria com relações

quebradas. O garoto não soube como reagir, tentou chutá-la e mordê-la de volta, mas nada a afastava — tinha a força de uma Sucuri. Os ossos da menoridade soaram como pratos em casamento grego.

A Cobra sumiu novamente, sem justificativas, como um furacão. A amizade se diluiu em dores profundas que só voltariam ao estado sólido quando os desejos de Alberto se tornassem realidade e a serpente morresse sob os poderes dos deuses censores.

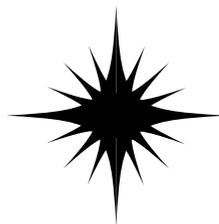
O ataque se repetiu mais quatro vezes. Na quinta tentativa, o estrondo ameaçador voltou com maior força e a Cobra tratou de sumir novamente.

Alberto se viu em meio a uma sinestesia torturante, sentia medo e prazer ao mesmo tempo. Sabia que a mão invisível estava atacando e que sua antiga amizade viria a cair no breu abismal.

Diferentes calibres de sons ecoavam enquanto ele ansiava pelo fim. A luz adentrou no recinto junto aos agentes federais, iluminando o largo porão vazio, que contava apenas com um colchão, dois pratos sujos e manchas de substâncias corpóreas (fezes, sangue, saliva, sêmen).

Naquele dia, o garoto descobriu que não era amorfo, nem opaco, muito menos desprovido de traços.

Anos se passaram desde os tempos de cativo e Alberto ainda assiste às luzes espaciais.



MINHA VERDADE

Por Alison S. Morais

Apetitosa mentira
Me enche a boca
Mentira que se propaga
E me afaga
E faz-me encaixar, parte fazer
Dessa sociedade falsamente austera
De pseudo sobriedade
Incríveis mentiras
Que me libertam fraudulentamente
Disseminam-se
Reincidente
Nunca se rendem

Apetitosa mentira
Me enche de vontades
Munido de empatia cômica e sarcástica
Ameniza minha inquietude
Minha ira
Rútila
E cáustica

A máscara diária
Quando arrancada causa dor excruciante
Mas quando recolocada causa prazer
Inexplicável
Inebriante
Um passe livre
Para inculpabilidade derradeira
A mentira
Ablanda
Transforma
Redireciona
E é puramente
Verdadeira



SECRET NOTEBOOK

Por Franck Peffan

Um livro que já viveu mais do que eu

Quantas pessoas conheceu?

Quantas praias visitou?

Um livro com histórias para contar

além daquelas escritas em suas páginas

Um livro poema

de um homem para uma cidade

Um poema

de um homem para um livro

Um ciclo

A vida tomando forma pelas palavras de dois homens; diferentes

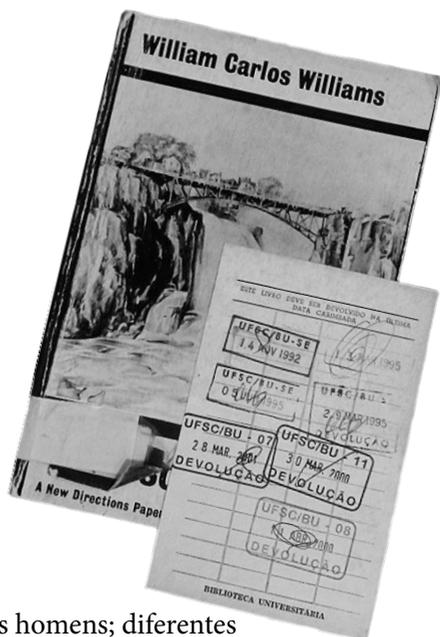
Separados pela dimensão tempo

e agora unidos pela imagem, pela linguagem

Que nem o tempo apaga

Só o tempo apaga

[To Paterson]



INQUIETO

Por Lukas Takasaki Rigoni

Inquieto, um desejo

De ter algo entre os dedos

De ter algo entre os lábios

Suas mãos, sua boca

Mas acho que só me vicié em cigarros



PREGUIÇA

Produção:

Diagramação // Tuan

Edição de Imagens // Tuan

Editorial // Tuan

Logotipo Preguiça // Lara Norões Albuquerque

Sobre o PET Letras // Ana Santiago

Colaboradores:

'Meu Troco é Pouco' \\ Gabriel Daros Lourenço \\ Graduando de Jornalismo

'No Infinito, a Luz Falta' \\ Matheus Vieira \\ Graduando de Jornalismo

'Minha Verdade' \\ Alison Silveira Morais \\ Graduando de Letras Inglês

'Secret Notebook' \\ Franck João Nuncio Peffan \\ Graduando de Física

'Inquieto' \\ Lucas Takasugi Rigoni \\ Graduando de Letras Português

Ilustrações \\ Alison Silveira Morais \\ Graduando de Letras Inglês

Foto da Capa \\ Tuan Peres \\ Graduando de Letras Português

PET Letras:

Adriene Tomaz // Ana Paula Tomaz // Ana Santiago // Beatriz de Oliveira // Brenda Pires // Carol

Damiani // Daniel Serravalle de Sá // Débora Gonçalves // Débora Torres // Gabriel Eigen //

Isabella Spigolon // Isadora Eifler // Tuan Peres

Sobre o PET Letras:

PET (Programa de Educação Tutorial) foi implantado pela CAPES em 1979, destinado a alunos regularmente matriculados na graduação. Seu objetivo é propiciar aos estudantes uma formação integral em sua área de estudos, envolvendo pesquisa, extensão e ensino. O PET Letras na UFSC surgiu em 1992 e hoje o grupo busca integração com a comunidade acadêmica e externa. Procura envolver os estudantes através de eventos variados, despertando discussões e reflexões, além de troca de saberes.



A Revista Preguiça é uma produção
do PET Letras UFSC ◉